

O ESTUDO DE *FRAMES* A PARTIR DA VERTENTE SOCIOCOGNITIVA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Edimara Graciele de Andrade Melo¹

RESUMO: Este artigo objetiva mostrar como as escolhas lexicais de um conjunto de sambas interpretados por Clara Nunes auxiliam na ativação ou construção de *frames*. Para tal, recorreremos a algumas considerações da Análise Crítica do Discurso de vertente sociocognitiva, focalizando os principais conceitos teóricos que servem ao propósito de analisar os usos linguísticos que emergem das situações comunicativas. Essa discussão faz-se necessária tendo em vista que o objetivo da presente pesquisadora foi analisar, na dissertação de mestrado, as escolhas lexicais dos sambas interpretados por Clara Nunes, pois, na referida pesquisa, entendemos que a escolha de determinados itens lexicais pode auxiliar na ativação ou construção de *frames*.

PALAVRAS-CHAVES: Discurso. *Frames*. Cognição.

ABSTRACT

This article aims to show how the lexical choices of a set of songs aid in the activation or construction of frames. To this end, we turn to some considerations of the Critical Analysis of the Discourse of socio-cognitive, focusing on the main theoretical concepts that serve the purpose of analyzing the linguistic uses that emerge from the communicative situations. This discussion is necessary in view of the fact that the present researcher's objective was to analyze the lexical choices of the sambas interpreted by Clara Nunes in the master's dissertation, because in the mentioned research, we understand that the choice of certain lexical items can help in the activation or construction of frames.

KEYWORDS: Speech. Frames. Cognition.

1. Introdução

Tendo em vista a recente pesquisa, em estágio de conclusão, na qual foram estudados os sambas interpretados por Clara Nunes a partir do mirante sociocognitivista, é possível dizer, sob a premissa de Gil (2003, citando Van Dijk), que as escolhas lexicais realizadas nos usos discursivos específicos definem uma visão de mundo do grupo ao qual pertence a intérprete. Com relação ao objeto analisado, pode-se afirmar que o grupo ao qual pertencia Clara Nunes, não era somente o musical, mas também o religioso. O conjunto de canções interpretadas por ela, mais especificamente, as escolhas de itens lexicais dessas canções, revelam a identificação da intérprete e, até mesmo, o seu sentimento de que pertencia à esfera religiosa de matriz africana.

¹ Graduada em Letras (UNINCOR), Pós-graduada em Literatura e Supervisão Escolar (UNINCOR), Mestre em Letras (UNINCOR). E-mail: edimaramelo@yahoo.com.br

Sendo assim, tomamos como base de estudos para compor esse trabalho, os estudos de Beatriz Daruj Gil (2003) para mostrar que o sistema lexical da língua é resultado do processo de apreensão e categorização da realidade sendo realizado pelo homem ao longo de sua história. Contudo, essa realidade e a experiência humana são renovadas e reelaboradas a cada uso discursivo, marcando as mudanças culturais e sociais de um grupo específico, bem como a visão de mundo dos membros do grupo. Nesse artigo, dividido em três seções, abordaremos: a revisão teórica sobre os estudos de *frames*, a partir da teorização de Van Dijk e outros autores; na segunda seção apresentam-se alguns modelos cognitivos a partir de sambas interpretados por Clara Nunes e a terceira seção, seguem as considerações finais.

2. Revisão teórica sobre o estudo de *frames*

De acordo com a perspectiva sociocognitiva de Van Dijk (2004, pp. 158-181) que traz os modelos mentais e o papel das representações da situação no processamento do discurso, iremos abordar nesse trabalho a noção de “*frame*” ou modelo mental, observando como as canções (*Ê baiana*, *Canto das três raças* e *Tributo aos Orixás*) interpretadas por Clara Nunes rompem com os *frames* pré- estabelecidos, por exemplo, em relação a alguns fragmentos apresentados do discurso de Bolsonaro.

Podemos perceber pelos estudos realizados que a psicologia vem desempenhando um papel cada vez mais importante na semântica do discurso, por isso verificamos que noções com as de coerência e a de interpretação relativa eram dificilmente explicadas em termos puramente linguísticos ou gramaticais, necessitando-se para tanto uma teoria que permitisse a organização e aplicação do conhecimento na compreensão do discurso, por exemplo, em termos de *frames* ou *scripts*. De acordo com Van Dijk (2004, p.158) o léxico cognitivo, como uma abstração linguisticamente monitorada de tais estruturas cognitivas fornece as relações conceituais que definem parte da coerência semântica do discurso.

Ainda de acordo com Van Dijk (2004, p. 158), a unidade intuitiva do discurso não é primariamente baseada em relações conceituais entre palavras ou sentenças numa sequência textual, mas antes em condições referenciais. Conforme exemplo oferecido pelo autor: Exemplo: “*Na semana passada, assisti a uma conferência em Roma. Esta foi uma boa ocasião para praticar meu italiano*”.

Assim, a primeira sentença se refere ao fato, por exemplo, uma ação, que deve ser tomado como condição, relativamente à qual a segunda faz sentido, já que praticar o

italiano é um fato possível dentro da situação de estar em Roma, pois o nosso *frame* de conhecimento geográfico obviamente suporta a inferência de que Roma fica na Itália, e que as pessoas, na Itália, falam italiano. (VAN DIJK 2004, p. 159).

Podemos observar, em outro exemplo, no poema de Gonçalves Dias, Canção do Exílio, os seguintes versos:

*“As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá”*

Observamos nesse fragmento que o *frame* de conhecimento geográfico nos permite inferir que o advérbio “lá” refere-se ao Brasil e o advérbio “aqui” remete a Portugal. Ou seja, para que esses versos façam sentido, o interlocutor precisa fazer uma referência ao período em que Gonçalves Dias ficou exilado em Portugal e escreveu o poema exaltando a sua terra natal, no caso, o Brasil.

Podemos perceber que os modelos mentais construídos a partir dos significados dos lexemas – atualizados discursivamente – revelam fragmentos ideológicos de um determinado grupo que compartilhados contribuem para o entendimento da realidade e para a descrição e explicação de determinada visão de mundo, ou seja, a forma como os objetos do mundo são recategorizados no discurso através das escolhas lexicais colabora para a manutenção ou ativação dos *frames* pelos sujeitos.

De acordo com Gil (2003), ainda que representem especialmente informações subjetivas, essas representações podem ser afetadas pela cognição social, pelas crenças coletivas traduzidas na ideologia, de modo que muitos modelos que são inicialmente construídos a partir de experiências individuais são afetados por crenças de caráter social, o que significa que as ideologias – crenças e representações coletivas – possuem força sobre as representações subjetivas.

Por isso, ainda de acordo com Gil (2003), esses modelos mentais – contidos nos significados dos lexemas atualizados discursivamente – revelam fragmentos ideológicos compartilhados por um grupo, o que contribui para o entendimento da realidade e para a descrição e explicação de determinada visão de mundo.

De acordo com a vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, as ideologias possuem uma dimensão cognitiva, pois incorporam dados mentais, como as ideias, pensamentos, crenças e valores, o que não significa, porém, que sejam representações subjetivas apenas, pois, como percebemos, os modelos mentais recebem influência social já que os interlocutores do discurso são membros de um grupo que

partilha formas de entendimento da realidade, ou seja, as mentes não produzem os modelos desconectados da sociedade.

Para adquirir e utilizar essas representações da realidade – crenças e ideologias – são necessários discursos reais e ações sociais, o que caracteriza ideologia social e cognitiva. Esses aspectos sociais da ideologia podem ser analisados em um plano local, observando-se os modelos mentais contextuais (participantes, tempo, espaço), e em um plano global, verificando-se os grupos, as organizações e as instituições, que, por compartilharem um mesmo comportamento, reúnem-se em torno de uma ideologia que consolida sua identidade, facilita a ação conjunta, é divulgada por meio dos discursos e faz com que o grupo se fortaleça, sinta-se poderoso e produza um discurso que organiza a sociedade polarizada, pondo ênfase nos seus próprios aspectos positivos e nos aspectos negativos do outro. (GIL, citando VAN DIJK, 2003a, p.56-58).

Nas análises cognitivas que abordam a linguagem como parte da cognição, alguns conceitos são basilares, pois

[...] permitem, em alguma medida, descrever e entender os processos que inter cruzam cognição e linguagem. Conhecer quais são esses processos podem nos auxiliar a compreender como esses processos têm aplicações gerais, empregando aspectos das experiências compartilhadas para compor os significados das formas linguísticas, de modo a ativar operações que interligam cognição à codificação linguística que a expressa. Dentre os conceitos que formam a base teórica para tratar a linguagem como instrumento cognitivo, está o de que há conjuntos de conhecimentos sobre os quais a linguagem opera. Esses conjuntos “são estruturas mentais parcialmente estruturadas, estáveis ou transitórias” (CHIAVEGATO, 2009, p.86).

Ou seja, as pessoas adquirem a base de conhecimento sobre a qual se organizam as construções linguísticas a partir das experiências que vivenciam, desde os primeiros anos de vida, em suas comunidades de fala. Esses conhecimentos, denominados de domínios cognitivos, são armazenados na memória, de forma parcialmente estruturada, hierarquizada e relativamente permanente. À medida que as pessoas vão vivenciando novas experiências, essas estruturas vão se modificando, de modo que são essas estruturas de arquivamento da experiência que são acionadas para compor os significados das construções linguísticas (CHIAVEGATTO, 2009).

Essas estruturas de arquivamento da experiência humana são representadas como esquemas em imagens, modelos cognitivos idealizados ou modelos culturais.

Segundo Chiavegatto (2009), os esquemas em imagens podem ser entendidos como conhecimento mais básico de nossa experiência, ou seja, são organizados em

imagens esquematizadas sobre vivências compartilhadas, por isso, são estruturas compreendidas por quase todos. Trazendo esse conceito para a nossa pesquisa de mestrado, podemos perceber que os itens lexicais apresentados em alguns trechos dos sambas interpretados por Clara Nunes podem nos dar pistas acerca das experiências compartilhadas por um grupo específico, no caso, os adeptos das religiões de matriz africana.

No que se refere à forma com a qual armazenamos os conhecimentos, as teorias cognitivas apontam que

[...] eles são armazenados em estruturas mentais, mais ou menos estáveis, ou seja, em modelos cognitivos idealizados (MCIs). Os modelos cognitivos idealizados são estruturas mentais armazenadas em nossa memória, ficando disponíveis para utilização em situações diferenciadas que vivenciamos ao longo de nossa vida. Por isso mesmo, podemos entender que essas estruturas são estáveis, porém, não são estruturas rígidas, sendo possível, modificá-las, adicionando ou retirando informações para atualização do nosso saber. (CHIAVEGATTO 2009, p.87)

A partir da discussão de Chiavegatto podemos observar que construímos ao longo de nossa trajetória de vida, estruturas mentais que ficam armazenadas em nossa memória, disponíveis para uso em qualquer momento de nossas vidas, por isso, partimos do pressuposto em nossa pesquisa de mestrado que a teoria de *frames* poderá nos auxiliar para a construção ou ativação de uma rede de significados a partir das escolhas lexicais analisadas nas canções de Clara Nunes.

Para construir novos significados ou expandir a significação das construções linguísticas, realizamos projeções entre domínio. Segundo Chiavegatto (2009, p.89 citando Cunha, 1986), o termo projeção significa, “em latim tardio, *pro-jectare*, ato ou efeito de lançar”, transferindo algo para outro lugar.

De acordo com Chiavegatto (2009) são nas projeções entre domínios que transferimos informações entre entidades do mesmo ou de outro domínio, ampliando a significação básica de uma palavra para outra, assumindo novas redes de significação.

Diante desse estudo das projeções podemos, por exemplo, explicar os processos figurativos como as metáforas e suas extensões em figuras como as analogias, comparações, personificações, hipérboles, eufemismos, entre outros; daí sua importância para a construção e expansão dos significados. Pois um item lexical pode expandir seu significado dependendo do contexto.

Sendo assim, o enfoque está nos itens lexicais apresentados nos sambas interpretados por Clara Nunes, ativando *frames*, ampliando sua rede de significação de acordo com as projeções almejadas.

De acordo com Chiavegatto (2009, citando Fauconnier Et Sweetser 1996, p.149) uma mesclagem (*blending*) é um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais para projetar sentidos em um terceiro espaço, o espaço *mescla*. Sendo assim, os significados projetados na *mescla* são relacionados no novo contexto, herdando aspectos dos significados de origem, mas incorporando novas significações. Portanto, a mesclagem é decorrente do re-arranjo das projeções efetuadas com a situação comunicativa em que ocorrem.

De acordo com os estudos de mesclagens conceptuais, podemos observar que essa teorização terá importância para a presente pesquisa de mestrado, pois abordará como a ativação de *frames* nos sambas interpretados por Clara Nunes pode contribuir para a construção do ponto de vista sobre as religiões de matriz africana e sobre as questões étnicas. Ou seja, partindo dessa teorização, tentaremos reconhecer através dos itens lexicais, as várias redes de significações presentes nas letras desses sambas, que vão nos remeter a uma determinada construção e/ ou representação dessas religiões.

Assim, em concordância com Chiavegatto entendemos que os MCIs são

[...] considerados como estruturas mais estáveis de estruturação da experiência, os espaços mentais são transitórios pois são considerados como uma “espécie de arquivos de trabalho nos quais organizamos pensamentos em linguagem [...] e são instaurados na pré-organização dos enunciados” (CHIAVEGATTO, 2009, p.90).

Sendo assim, podemos conceber que os espaços mentais são espécie de arquivos de trabalho nos quais organizamos pensamentos em linguagem. Podemos entender que os espaços mentais são expandidos à medida que o discurso progride.

Tendo em vista que as análises de ordem cognitiva baseiam as investigações na língua em uso, ou seja, no discurso, em contextos reais de comunicação, os processos denominados de enquadre, foco e perspectiva são importantes para esse tipo de análise.

Conforme Chiavegatto (2009, p.93 citando Goffman, 1974), as situações comunicativas são experiências sociais que os falantes vão adquirindo ao longo da vida, sendo armazenadas na memória, configurados aos eventos nos quais se atualizam. Sendo assim, as situações nos permitem “fazer recortes”, os quais são chamados de “*frames* de interação” e colocá-los como num quadro. Esses *frames* de interação

incluem nosso conhecimento de evento, de identidades, de papéis sociais, do alinhamento ou andamento do que está em movimento na interação.

Percebemos a importância também do enquadre, ou seja, o recorte que se faz na cena; de foco, o aspecto da cena no qual pomos nossa atenção e o lugar do qual “olhamos a cena”, ou seja, de que perspectiva o falante fala na cena ou sobre a cena a que se faz referência.

Sendo assim, de acordo com Chiavegatto (2009), tornam-se muito importantes as investigações em linguística cognitiva, pois essas investigações procuram produzir evidências sobre o papel da cognição na organização das línguas, mostrando a dinâmica das relações entre linguagem e cognição, entre sociedade e cultura.

Considerando as discussões feitas até aqui, é possível dizer que as análises de ordem cognitiva estão fundadas em bases empíricas, visto que partem das experiências dos usuários da língua, quando são convocados a agir e interagir lançando mão da linguagem em situações comunicativas significativas, para interpretar as construções linguísticas.

A interpretação dessas construções está fundamentada, da perspectiva cognitivista, no aparato conceitual que

[...] armazena os conhecimentos das experiências “físicas, sociais, psicológicas, históricas e culturais, coletivas ou individuais, nelas fixadas, embutidas por meio de diferentes processos nas construções linguísticas” (CHIAVEGATTO, 2009, p.85).

Ou seja, podemos entender que o indivíduo ao interagir em sociedade, buscará dentro de sua memória, experiências já vividas para inserir diferenciados mecanismos de construção em relação à língua. Por exemplo, quando o leitor vai interpretar um texto, ele primeiramente irá buscar em sua memória elementos que estão armazenados para identificar, por exemplo, se o texto se trata de uma fábula, de um conto, de uma crônica, se há determinadas palavras já conhecidas que remetem a um determinado gênero textual, entre outros.

Nesse sentido, Koch e Cunha-Lima (2011, p.288, citando Gumperz, 1992) propõe a noção de pistas contextuais, que são pistas fornecidas, por exemplo, pelo uso de determinadas formas linguísticas, de determinado registro, de certas escolhas lexicais, assim como a escolha de determinado gênero textual como fonte importante para estabelecer qual o enquadre relevante pra um dado evento focal. De acordo com essa concepção, o contexto passa a ser algo parcialmente criado pelos próprios atos de

fala, na medida em que estes ajudam, de maneira decisiva, a estabelecer um quadro para a interpretação.

2. Apresentação de alguns modelos cognitivos

Entendemos a partir dos estudos realizados por Koch e Cunha-Lima (2011) que a perspectiva clássica cognitiva trata as palavras como etiquetas e os conceitos são representações, já a perspectiva sociocognitivista prefere falar em referenciação para realçar seu aspecto dinâmico, como uma atividade, um processo no qual os falantes se engajam para construir a referência. Sendo assim, a linguagem não traz os objetos do mundo para dentro do discurso e sim trata esses objetos de diversas maneiras, a fim de atender a diversos propósitos comunicativos.

Com base nos estudos de Koch (2005) a função da Linguística Textual é desenvolver modelos procedurais de descrição textual, capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias da produção e compreensão de textos. Os modelos cognitivos são denominados de: *Frames*, *scripts*, cenários, esquemas, modelos mentais, modelos episódicos ou de situação. Sendo assim definidos, de acordo com os estudos realizados por Van Dijk (2004, p.160):

- *Frames*: são estruturas de conhecimentos mentais pré-existentes em nossa memória que organizam nossas experiências. São as hipóteses que os indivíduos criam sobre o mundo ou sobre as coisas no mundo. Exemplo: Vou para o Canadá exercitar meu inglês. Tenho nesse exemplo, um *frame* de conhecimento de geográfico, pois o interlocutor infere que o Canadá fica nos Estados Unidos, portanto, quem mora no Canadá, fala inglês.
- *Scripts*: modelos mentais de inferência pré- organizados de uma situação específica. Exemplo: um ritual de batizado. Ao buscar na memória como se dá um ritual de batizado, o indivíduo cria um script (modelo) sobre a cerimônia.
- Cenários: são lugares, tempos, posições que os falantes ocupam num determinado ambiente físico. Exemplo: No livro: Memórias Póstumas de Brás Cubas, o cenário em que se dá o romance é a cidade do Rio de Janeiro.
- Enquadre: é o enquadramento (posição) social dos falantes na interação.

- Modelos mentais: são estruturas cognitivas armazenadas na memória para utilização numa dada situação específica.
- Modelos episódicos ou de situação: são representações mentais que o usuário da língua constrói de uma determinada situação para compreensão do texto ou discurso. Por exemplo: quando várias pessoas tentam descrever a cena de um mesmo acidente.

Ainda de acordo com autora, o processamento estratégico depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, ou seja, as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento. E podemos considerar que esse uso vai depender de cada objetivo do usuário, em cada situação.

No exemplo, abaixo, que corresponde a um trecho da canção *Ê baiana* interpretada por Clara Nunes, o frame *baiana* tem no sistema linguístico, entre outros *frames*, o modelo mental de mulher natural do estado da Bahia, porém, se considerado em relação aos demais *frames* que compõem o trecho, é possível dizer que *baiana*, quando é “boa”, caracteriza-se, entre outros aspectos, como uma mulher alegre, por gostar de samba de roda, decidida e corajosa, por se considerar “bamba”.

*Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba
Baiana boa
Gosta do samba
Gosta da roda
E diz que é bamba*

Em outras palavras, o *frame* “*baiana*”, quando atualizado no discurso, no caso, o trecho da canção acima, passa a ser considerado um frame que remete a um modelo mental construído pela intérprete como a combinação de crenças sociais do grupo a que ela pertence ou que se aproxima, portanto, com sua expressão no discurso, a intérprete dá ênfase nos aspectos positivos, no caso, a baiana (que pode ser uma mulher afrodescendente) pode ser vista em outro discurso, por uma outra pessoa, por um outro grupo de maneira pejorativa.

Em outro exemplo, na canção *Tributo aos Orixás* podemos perceber um modelo que é trazido pela intérprete que rompe com os frames pré- estabelecidos. Vejamos:

*Agô- iê, Agô- iê, Agô
Matumbá, Matumbá
Pai maior, oni- babá*

*Trazidos por navios negreiros
 Do solo africano para o torrão brasileiro
 Os negros escravos
 Que entre gemidos e lamento de dor
 Traziam em seus corações sofridos
 Seus orixás de fé
 Hoje tão venerados no Brasil
 Nos rituais de Umbanda e Candomblé
 Neste terreiro em festa
 Entre mil adobás
 Prestamos nosso tributo
 Aos orixás*

Percebemos nesse trecho da canção um *frame* construído a partir de uma ideologia da intérprete que valoriza o grupo social a que ela pertence, ou seja, há nesse trecho um modelo mental de valorização positiva, referindo-se à dimensão religiosa da qual pertence Clara Nunes.

Ou seja, de acordo com Gil (citando Van Dijk 2003a, p. 57-58), a estrutura social, portanto, revela-se no discurso por meio da ação cognitiva. Daí pode-se concluir que as estruturas discursivas constroem, mediadas pela cognição, as estruturas sociais de dominação. A escolha lexical é uma das propriedades ou estruturas do discurso mais fortemente orientadas para a estrutura social e mais relevantes para o estudo dos aspectos sociais da linguagem, pois está diretamente associada a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores, o que significa que aponta diretamente para a realidade e para o entendimento de mundo dos enunciadores.

De acordo com Van Dijk (2004, p.158), o léxico cognitivo é visto como uma abstração linguisticamente monitorada por *frames*, ou seja, estruturas cognitivas (modelos mentais) que fornecem as relações conceituais que definem parte da coerência semântica do discurso.

Outro exemplo que iremos citar de *frame* construído a partir de um modelo mental com vistas ao conceito ideológico criado por Van Dijk (2003, p. 148) que põe ênfase nos aspectos positivos pode ser observado na canção *Mãe África*:

*No sertão, mãe preta me ensinou
 Tudo aqui nós que construiu
 Filho meu, tu tem sangue Nagô
 Como tem todo esse Brasil
 Oiê, dos meus irmãos de Angola África
 Oiê, do tempo do quilombo da África*

Podemos perceber nessa canção que a intérprete Clara Nunes ao enunciar em sua canção que “*Filho meu, tu tem sangue Nagô/ Como tem todo esse Brasil*”.Revela em seu

discurso que os modelos apresentados rompem com os *frames* pré-estabelecidos, trazendo para o seu discurso a valorização, a identidade do Brasil, mostrando para os seus interlocutores a miscigenação desse país.

Van Dijk (2004, p.160) aponta que, antes de tentarmos ser mais sistemáticos; uma breve análise intuitiva é necessária para especificar a natureza e o papel dos modelos de situação na memória. Por isso, quando as pessoas leem um texto, não apenas constroem uma representação desse texto. Tal representação textual é importante para dar conta do fato de que os usuários da língua são capazes de reproduzir parte do que efetivamente foi dito antes em um texto, incluindo, às vezes, sintaxe específica, expressões lexicais e sentidos expressos.

Ao mesmo tempo, contudo, os usuários da língua também tentam “imaginar” do que trata o texto, por exemplo, as coisas, pessoas, atos, eventos, ou estados de coisas a que o texto ou o falante se referem. Um modelo de situação é a noção cognitiva que dá conta deste tipo de “imaginação” em que os usuários da língua se empenham quando compreendem o discurso.

Ao abordar a função desempenhada pelos modelos mentais, Van Dijk explicita que

[...] os modelos desempenham uma série de tarefas vitais na compreensão do discurso. Como nossas “imaginações” daquilo de que trata o discurso, eles fornecem a base de conhecimento referencial de que precisamos, para dar conta dos fenômenos da correferência e coerência. Cognitivamente, pois, a referência do discurso é relativa a um modelo de situação. Se os fatos estiverem relacionados no modelo, as sequências de frases que denotam esses fatos (VAN DIJK 2004, p. 163).

Com base nessa teoria podemos entender que os modelos são a base para a compreensão no discurso. São os modelos que nos fornecem as pistas para que possamos compreender o discurso e assim atuar de forma coerente na interação.

De acordo com Van Dijk (2004), os modelos não somente são derivados de experiências pessoais, mas podem também ser subjetivos. Isto é, eles permitem aos usuários da língua construir uma interpretação específica de um discurso. Pode haver diferenças, por exemplo, em interpretações locais de palavras e frases, de conexões frasais locais de palavras e frase, de conexões frasais locais, e na organização temática global do discurso. O que, para um leitor, é importante em um discurso, pode não ser para o outro, o que resultará numa construção diferente do modelo.

Van Dijk (2004, p.175) aborda também que os modelos são usados para explicar vários aspectos de produção e compreensão do discurso, ou seja, os frames podem variar na compreensão de acordo com as experiências pessoais de cada indivíduo, variando também a aquisição de conhecimentos e atitudes. Por isso os modelos incorporam o que as pessoas observam, interpretam e processam sobre fragmentos discretos do mundo pessoal e social, mas são tipicamente subjetivos e incompletos, ou seja, representam o que é relevante para um indivíduo.

Conforme Koch (2004 citando Van Dijk, p.168), os usuários da língua realizam passos interpretativos orientados, efetivos, eficientes, flexíveis, tentativos em vários níveis (textual, conceitual, modelo/ *script*) ao mesmo tempo. Eles fazem pequenos cortes, e podem precisar somente de informação incompleta para chegar a uma interpretação. É deste modo estratégico que as palavras, grupos de palavras, orações e frases são analisadas e interpretadas na memória.

Ainda de acordo com a autora, no início do texto ou conversação, pode não estar presente, ainda, nenhum modelo, de modo que, com informação do contexto, um título ou anúncio, os usuários da língua fazem adivinhações estratégicas sobre os tópicos e os referentes do texto. Isto permite uma recuperação parcial de antigos modelos de *frames* e *scripts*, e essa informação será usada provisoriamente para construir o modelo velho.

3. Considerações Finais

Esse artigo teve como objetivo analisar alguns trechos de letras de sambas interpretadas por Clara Nunes abrangendo o conceito de *frames* de acordo com a perspectiva sociocognitiva de Van Dijk para tentar explicar como a análise dos *frames* rompem com os modelos pré- estabelecidos em alguns trechos desses sambas.

Pudemos perceber que os modelos mentais contidos nos significados dos lexemas, quando atualizados discursivamente, revelam fragmentos ideológicos compartilhados por um grupo, o que contribui para o entendimento da realidade e para a descrição e explicação de determinada visão de mundo, o que pôde ser observado nos trechos dos sambas apresentadas, por exemplo, na canção: Ê baiana, quando a intérprete enuncia: “baiana boa/ baiana gosta do samba/ gosta de roda”. Ou seja, esses itens lexicais, quando atualizados discursivamente, nos remetem a uma gama de significados que podem ser compartilhados por um grupo, revelando a visão de mundo desse grupo.

Observamos, de acordo com as discussões feitas de no âmbito da vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, que as ideologias possuem uma

dimensão cognitiva, pois incorporam dados mentais, como as ideias, crenças e valores, já que os interlocutores do discurso são membros de um grupo que partilham formas de entendimento da realidade. Ou seja, Clara Nunes ao interpretar esses sambas, se posiciona como sujeito de um discurso que perpassa o discurso das religiões de matriz africana, exemplo que pode ser observado quando a intérprete enuncia nos trechos da canção Tributo aos orixás: “seus orixás de fé/ hoje tão venerados nos rituais de umbanda e candomblé”.

Podemos perceber também que as estruturas discursivas constroem, mediadas pela cognição, estruturas sociais de dominação e, por conseguinte, modelos mentais preconceituosos. A escolha lexical é uma das propriedades ou estruturas do discurso mais fortemente orientadas para a estrutura social e mais relevantes para o estudo dos aspectos sociais da linguagem, pois está diretamente associada a crenças, atitudes e ideologias dos interlocutores, o que significa que aponta diretamente para a realidade para o entendimento de mundo dos enunciadores.

Podemos observar como exemplo que ao enunciar na canção: Tributo aos orixás, os seguintes itens lexicais: “navios negreiros, solo africano, negros escravos”, a intérprete nos revela a sua ideologia, ou seja, constrói um *frame* de valorização do grupo social ao qual ela pertence ou admira, nos evidenciando uma valorização positiva do negro.

Por isso, nesse sentido, podemos perceber os sambas interpretados por Clara Nunes como um meio das pessoas entrarem em contato com as religiões de matriz africana, no sentido de valorizá-las, principalmente, no contexto escolar- contexto caracterizado por congregar uma heterogeneidade de pessoas e, por conseguinte, de crenças, valores, ideologias e visões de mundo.

REFERÊNCIAS

- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. “Introdução à linguística cognitiva”. *Revista Matraca*. Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a03.pdf>. Acesso em 11 abr 2018.
- DIJK, Teun Adrianus van. *Cognição, discurso e interação*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 158-181.
- GIL, Beatriz Daruj. *Aspectos Ideológicos nas escolhas lexicais de Bezerra da Silva*. Disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/view/20807447/aspectos-ideologicos-nas-escolhas-lexicais-de-bezerra-da-silva-fflch>. Acesso em 11 abr 2018.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. “Do cognitivismo ao sociocognitivismo”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (orgs).

Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2011. p.251-300.

KOCH, Ingedore G. Villaça. “A Construção Sociocognitiva da Referência”. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 95-108.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em abril de 2018.